

geográfica, e de W. Rodriguez Brito e E. Villaba Moreno sobre problemas da geografia agrária das Canárias.

No grupo do *Pensamento geográfico* os temas incidiram sobre história da geografia, tanto do âmbito geral, como ibérico, a geografia na classificação das ciências, questões teórico-metodológicas e orientações do pensamento geográfico. De assinalar a comunicação «Positivismo, cientificismo em geografia», aproximación al entendimiento de la geografia en el siglo XIX» apresentada por Josefina Gomez Mendonza, Júlio Muñoz Jimenez e Nicolás Ortega Cantero, que definia como objecto estudar a incidência das concepções positivistas da ciência e do modelo fisiconaturalista dominante no campo do pensamento geográfico, e a do filósofo de León J. Ramón Alvarez sobre «La geografia y la clasificación de las ciencias» na procura do lugar e da unidade da geografia em relação a certas classificações das ciências. Foram ainda apresentadas outras comunicações de que referiremos algumas. A. Garcia Ballesteros apresentou uma intitulada «Tendências fenomenológicas y humanísticas na geografia actual», um colectivo da Universidade de Barcelona debruçou-se sobre o célebre, e esquecido, geógrafo e anarquista Elisée Réclus, R. Gran e M. Lopez Guallar em «Para um Esquema Historico del Pensamiento Geografico» procuravam superar as propostas de outros autores e numa outra intitulada «Racionalidade Económica e Teoria Geográfica», de A. Gama, mostrava-se a importância da influência da obra do sociólogo alemão Max Weber na elaboração, por Walter Christaller, da teoria dos lugares centrais, teoria importante pelo significado e repercussão que assumiu no pensamento geográfico.

O colóquio encerrou, após sessões plenárias, por uma lição intitulada «La geografia Ibérica: Tendencias, Resultados, y Problemas» apresentada por J. Vila Valenti, da Universidade de Barcelona.

*Rui Missa Jacinto
António Gama*

A PEQUENA AGRICULTURA EM PORTUGAL

Por iniciativa da Faculdade de Economia de Coimbra esteve em debate durante três dias a pequena agricultura portuguesa no I Colóquio de Estudos Rurais, realizado nos dias 27, 28 e 29 de Março, a partir das perspectivas diversificadas e nem sempre convergentes dos investigadores e dos técnicos. O programa procurava ainda fazer sair os estudos rurais das

barreiras disciplinares tradicionalmente erguidas, facilitando o contacto dos cultores das diferentes ciências sociais que se ocupam da realidade rural — economistas, sociólogos, antropólogos, historiadores, geógrafos, — e abrindo campo à reflexão sobre temas normalmente fora da sua atenção: o camponês e a vida rural nas artes e nas letras, no cinema e na instrução primária, temas que sugerem uma imagem do campo delineada a partir do espaço cultural urbano fortemente implantada na consciência de cada um.

O debate organizou-se em torno de grupos de trabalho por seis temas: *Modalidades de pequena agricultura*, *Pequena agricultura, modelos de desenvolvimento e políticas do estado*, *A pequena agricultura face às teorias das classes*, *Organização social e comportamento político e ideológico dos pequenos agricultores*, *Pequena agricultura e cooperativismo* e *A pequena agricultura e a questão da terra*. No conjunto foram apresentadas vinte e três comunicações que serviram de base para o debate e que a Revista Crítica de Ciências Sociais se orgulha de vir a publicar na íntegra no seu próximo número, juntamente com as comunicações das sessões plenárias, que visavam introduzir as grandes problemáticas do Colóquio: a pequena agricultura perante o desenvolvimento (A. Simões Lopes), a pequena agricultura face à sua matriz geo-histórica (Carlos Silva), a pequena agricultura na teoria económica (F. Oliveira Baptista), a pequena agricultura e a integração na Comunidade Europeia (J. Mendes Espada) e a pequena agricultura na arte e nas letras (J. Augusto França).

Da síntese dos trabalhos ressaltam entre outras a ideia de que a pequena agricultura não pode continuar a ser encarada como uma realidade transitória, um residual de formas económicas passadas que o tempo se encarregaria de fazer desaparecer, se antes como uma realidade *a se* dotada de uma vitalidade apreciável e com grande capacidade de adaptação a novas condições exteriores, a qual para ser compreendida exige um esforço de análise profundo, no duplo sentido que terá de ser persistente e deverá atingir as raízes da pequena agricultura, a sua lógica interna e a sua relação com o exterior. Para isso não basta concebê-la como pura forma económica e muito menos como uma forma económica empresarial degradada. Restituir à pequena agricultura o seu espaço na totalidade social é o repto lançado aos cientistas sociais e o objectivo porventura dominante nos trabalhos do Colóquio.

Uma outra nota a salientar é a necessidade sentida de intensificar o contacto entre a visão dos práticos e a dos cientistas sociais, através de realizações deste tipo ou outras, que

permitam fazer avançar o conhecimento da realidade rural portuguesa, tão carecida de estudo, proporcionando, de um lado, uma perspectiva mais ampla e mais profunda dos fenômenos de transformação que o campo aparenta e, do outro, as bases reais para a construção ou reformulação dos instrumentos de análise adequados à sua compreensão. Ficou sobretudo claro que a renovação teórica dos instrumentos de reflexão e de intervenção no meio rural deve ser concomitante de trabalhos de campo empiricamente sólidos que cubram áreas cuja importância não foi até agora devidamente relevada, como por exemplo, a do elemento fundiário e das relações interclassistas que daí emergem, a do processo de trabalho camponês enquanto processo de produção material simbólica, ou a da prática associativa dos camponeses e da sua relação com o estado.

Questões como a do pretenso isolamento ou individualismo do pequeno agricultor, da inviabilidade da pequena agricultura, da desconfiança perante o estado, da dificuldade de participação continuada nas associações, da miséria e da ignorância dos camponeses foram amplamente debatidas e compreendidas como elementos dum quadro mítico e mistificador da pequena agricultura, da mesma forma que a revalorização da vida rural é tantas vezes a imagem invertida da mesma concepção polarizadora da relação rural-urbano.

Estes alguns pontos da discussão havida. Remetemos o leitor interessado para a publicação das intervenções e dos principais documentos do Colóquio no número especial da RCCS dedicado a este acontecimento.

Pedro Hespanha